

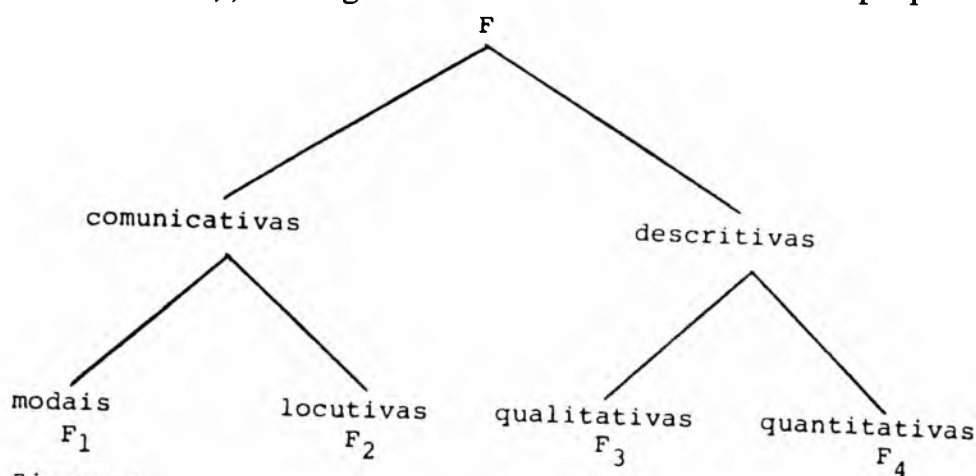
## MODAIS E MODALIDADE NA COMUNICAÇÃO LINGÜÍSTICA

Luzia Garcia do Nascimento

Nem sempre se fazem as devidas distinções entre *modo*, *modais* e *modalidade* na comunicação lingüística. Isso se deve, em parte, à complexidade do próprio assunto. Lingüistas há que trataram dele com profundidade.

Este trabalho constitui uma tentativa de resenhar alguns dos textos, ora mais recentes ora menos, que versam tal matéria, a saber: *Essais de linguistique générale*, de Roman Jakobson (1963); *Estruturas lingüísticas do Português*, de Albert Audubert, Cidmar Teodoro Pais e Bernard Pottier (1972); “Estrutura sêmio-táxica, intra-le-xia”, de Maria Aparecida Barbosa (1974); “Modalités et communication”, de André Meunier (1975); e, principalmente, *Linguistique générale*, de Bernard Pottier (1974)

1 Segundo Pottier, uma mensagem é a formulação (F) de relações comunicativas e descritivas. As comunicativas dividem-se em modais (F<sub>1</sub>) e locutivas (F<sub>2</sub>); as descritivas, em qualitativas (F<sub>3</sub>) e quantitativas (F<sub>4</sub>). Os constituintes da Formulação apresentam entre si o seguinte arquitaxema (Figura 1):



modalizá-lo (F<sub>1</sub>) Se, porém, o *Eu* estiver contido no *TU*, haverá recorrência às formulações locutivas (F<sub>2</sub>) Tem-se, pois, o seguinte esquema (Figura 2):

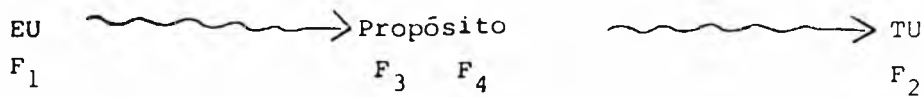


Figura 2

As formulações qualitativas (F<sub>3</sub>) e quantitativas (F<sub>4</sub>) podem e devem aplicar-se a toda a mensagem como acontece no esquema da comunicação de Jakobson, embora com outra terminologia (1)

O propósito apresenta uma estruturação teoricamente binária em que o termo F<sub>2</sub> pressupõe F<sub>1</sub> (Figura 3):

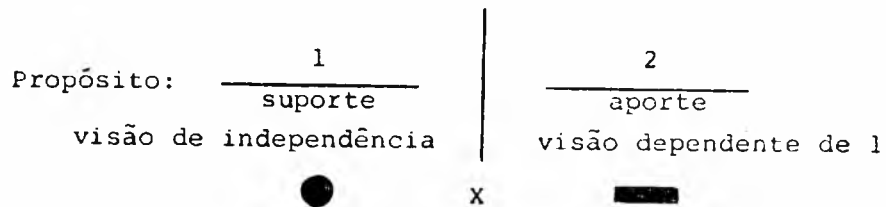


Figura 3

onde o círculo equivale ao momento lógico anterior e o retângulo ao momento lógico posterior.

Esses dois sistemas ligam-se entre si por uma relação, que se pode concretizar em qualquer uma das seguintes formas (figura 4):

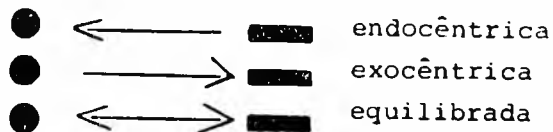


Figura 4

Portanto, um propósito é uma relação entre uma entidade e um comportamento, onde o retângulo está em função do círculo, conforme o seguinte esquema (Figura 5):

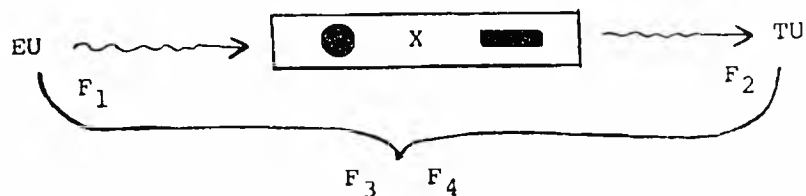


Figura 5

(1) — Conhecido é o esquema de Jakobson:

	CONTEXTO	
REMETENTE	MENSAGEM	DESTINATÁRIO
	CONTACTO	
	CÓDIGO	

ex:

Eu gostaria que José tivesse vencido a corrida.

Eu acho que o cão é um animal inteligente.

Pottier distribui e classifica a formulação em quatro categorias, a saber: modal, locutiva, qualitativa e quantitativa.

A *Formulação Modal* realiza-se como modalidade, asserção, desenvolvimento e determinação.

A *Formulação Locutiva* compreende a interlocução e a dêixis. A interlocução pode ligar-se somente ao locutor, como é o caso da interjeição, exclamação e frases optativas; ou também ao ouvinte, com locutor enunciado, como é o caso do vocativo, imperativo e subjuntivo. A dêixis pode ser demonstrativa (*este, esse, aquele*) ou circunstancial (*cá, lá*), temporal (*agora, certo*), nocional (mediante gestos realizados conjuntamente com palavras como “daqui”, puxando o lóbulo da orelha; “assim” com a mão em forma de concha, unindo o polegar aos outros dedos)

A *Formulação Qualitativa* ressalta uma relação de natureza e de propriedade entre a enunciação e o enunciado.

A *Formulação Quantitativa* expõe uma relação de extensão e de comparação entre a enunciação e o enunciado.

O seguinte gráfico quer visualizar a hierarquia entre essas relações (Figura 6)

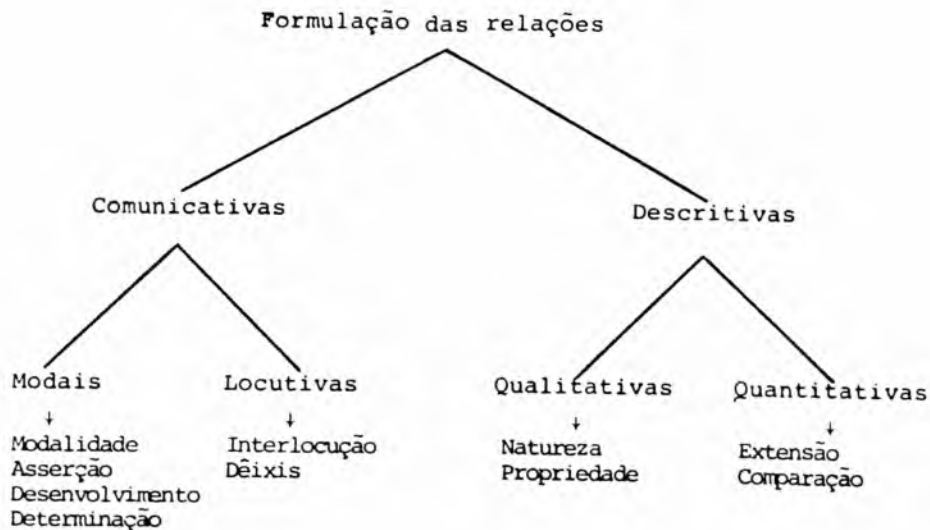


Figura 6

2. O presente artigo cinge-se ao estudo da modalidade. Antes, porém, é imprescindível falar a respeito do sujeito do enunciado e do sujeito da enunciação, segundo Jakobson. No exemplo que será em-

pregado a fim de esclarecer a formulação comunicativa modal — *Eu acho o cão um animal inteligente*, cão é o sujeito do enunciado, porém o sujeito da enunciação, próprio de quem declara esse enunciado, é *Eu*:

*Eu* acho que o *cão* é um animal inteligente.  
Sujeito da enunciação                      Sujeito do enunciado

De acordo com Pottier, a manifestação do *Eu* enunciador sobre o propósito e sobre sua própria formulação pode produzir aspectos bem variáveis, conforme exprime este seu gráfico (Figura 7):

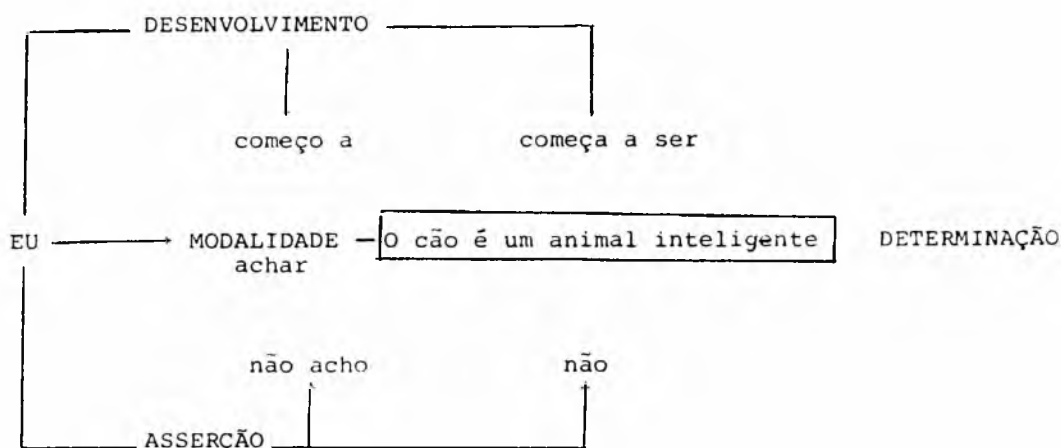


Figura 7

A *modalidade* é um ponto de vista subjetivo em relação ao propósito. Ex.: *Eu acho que o cão é um animal inteligente.*

A *asserção* é uma formulação com incidência variável. Ex.:

*Eu acho que o cão não é um animal inteligente.*  
*Eu não acho que o cão é um animal inteligente.*

O *desenvolvimento* é, igualmente, uma formulação com incidência variável. Ex.:

*Eu acho que o cão começa a ser um animal inteligente.*  
*Eu começo a achar que o cão é um animal inteligente.*

A *determinação* resulta de uma cronologia aplicada pelo locutor ao grau de atualização dos elementos da mensagem. Ex.:

*O cão é um animal inteligente.*

3. Toda frase encerra uma modalidade. Esta vem explícita ou implícita. A explícita expressa-se mediante auxiliares modais tais como *poder, dever, querer*; por orações, tais como *Ele crê (teme, nega) que chova*; ou também por advérbios, como *talvez, na minha opinião*. A implícita expressa-se nos modos verbais e seus identificadores. Estes últimos dividem-se em obrigatórios e facultativos. Os obrigatórios aparecem na desinência para exprimir pessoa, tempo, modo; os identificadores facultativos expressam-se através de auxiliares. É isso que o gráfico a seguir quer elucidar (Figura 8):

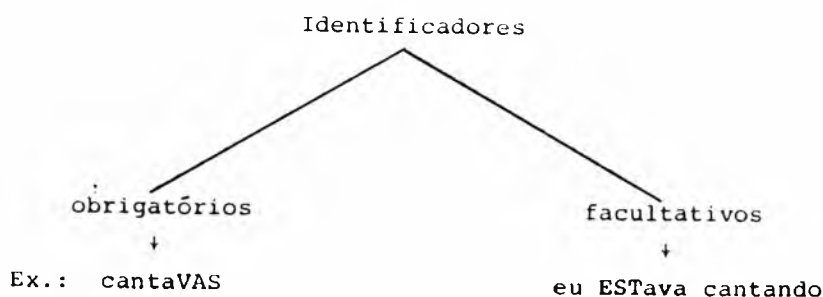


Figura 8

Além disso, a modalidade pode ser classificada em função dos actantes. Assim, em *Roberto quer estudar, estudar* tem por actante *Roberto*.

Diferente é o seguinte caso: *Roberto quer que estude*, onde *estude* tem por actante outro elemento qualquer, como, por ex.: *Maria, a colega, etc.*, mas não *Roberto*. Portanto, há dois actantes: *Roberto e Maria*. (a colega etc)

Quando há um causativo, supõe-se um actante-fonte que aja sobre um actante receptor, o qual é, por sua vez, sujeito da oração subordinada, conforme o seguinte esquema e exemplo (Figura 9):

4. Maria A. Barbosa explica que o taxema *modalidade* ocorre em qualquer forma verbal, porém não se confunde com o taxema *modo*. “O taxema modalidade (...) aparece sob formas modais diferentes: *real, eventual, potencial, irreal*, taxes do taxema modalidade” (2) O esquema semântico proposto, aí, pela autora é o seguinte (Figura 10):

---

(2) — BARBOSA, Maria Aparecida, “Estrutura Sêmio-Táxica. Intra-Lexia. Alguns Taxemas Verbais”, in *Língua e Literatura* nº 4, São Paulo, USP/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1975, p. 332 e ss.

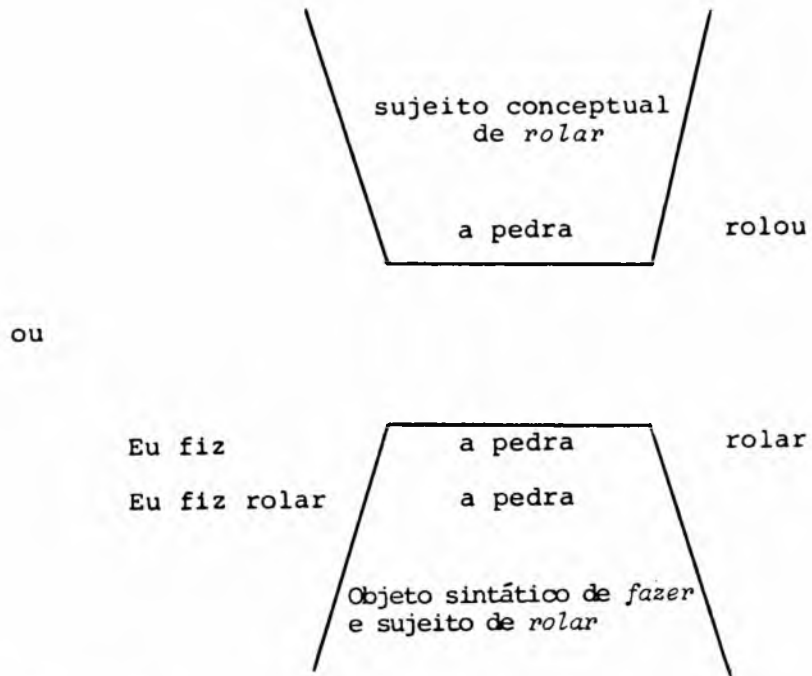


Figura 9

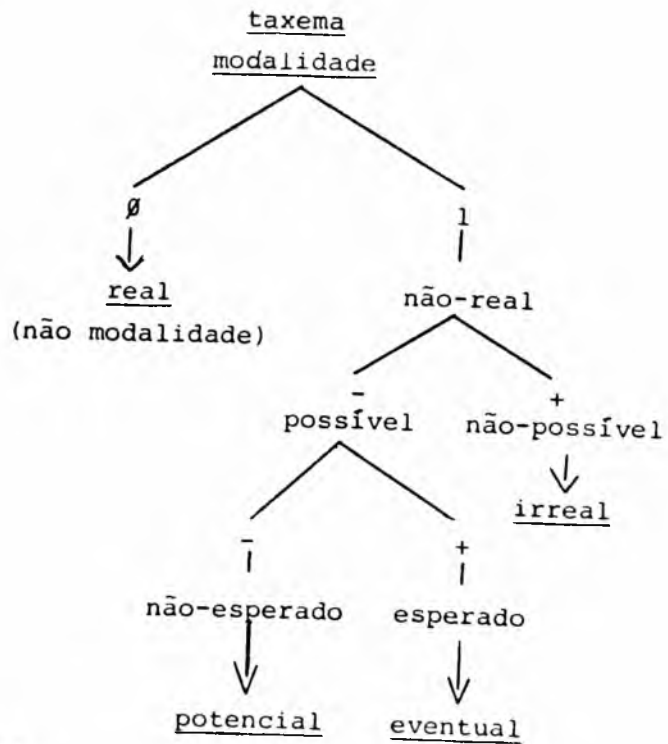


Figura 10

O modelo de Maria A. Barbosa poderia ser ilustrado com os seguintes exemplos (Figura 11):

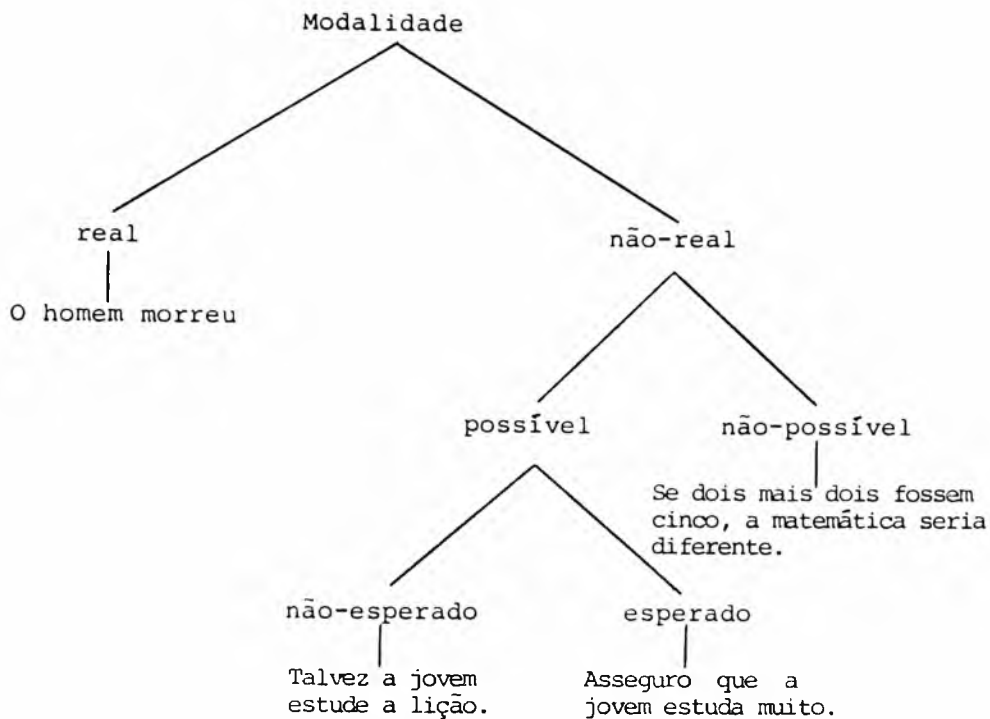


Figura 11

5. Pottier assinala que a modalidade é fenômeno que aparece em todas as línguas e que cada uma se vale de sistemas e de sub-sistemas próprios. Por exemplo, o Francês, assim como o Português, apresenta três sistemas: os eixos modais, os modos e as ligações modais.

Aqui se dará ênfase ao eixo modal, por ser ele que requer maiores cuidados a respeito da modalidade. O eixo divide-se em três classes: prospectiva, constativa e factitiva. Essas classes, por sua vez, desdobram-se em outros tipos, que veremos a seguir.

A *visão prospectiva* subdivide-se em impulsão e eventualidade. Na eventualidade a probabilidade está em pauta como em *É provável que tudo dê certo*. A impulsão é dominada por três verbos: *dever*, *poder* (fortemente polissêmicos) e *querer* (menos polissêmico que os anteriores)

- Deve haver aula hoje.
- Pode haver aula hoje.
- Quero estudar hoje.
- Este livro deve ser vendido.
- Este livro pode ser vendido.
- Quero que este livro seja vendido.

A *visão constativa* subdivide-se em sensação, declaração e apreciação. Os verbos de sensação são de ação reservada e vão diretamente à afirmativa, como em: *eu creio que, eu penso que, eu acho que, eu sinto que, a mim parece que, eu constato que, eu vejo que, eu entendo que*. Ex.:

Eu {            sinto que            }  
           {            acho que            } as rosas são perfumadas.  
           {            penso que            }

A *visão factitiva* se triparte em: permissiva, causativa e declarativa. Na permissiva a relação *Eu ↔ outro* é neutra. Ex.:

Eu permito que você parta.  
 Eu permito a sua partida.

Em algumas línguas há um morfema causativo que se liga à forma verbal. Ex.: do Guarani:

a-karu = eu como.  
 a-mo-ngaru = eu faço comer.

Para a *visão declarativa* aduzimos como exemplos os seguintes:

Eu declaro feitas as observações necessárias.  
 Eu nomeio João Presidente da Associação.  
 Eu designo João como Presidente da Associação.

O seguinte gráfico visa elucidar a relação entre as três classes dos eixos modais e sub-classes (Figura 12):

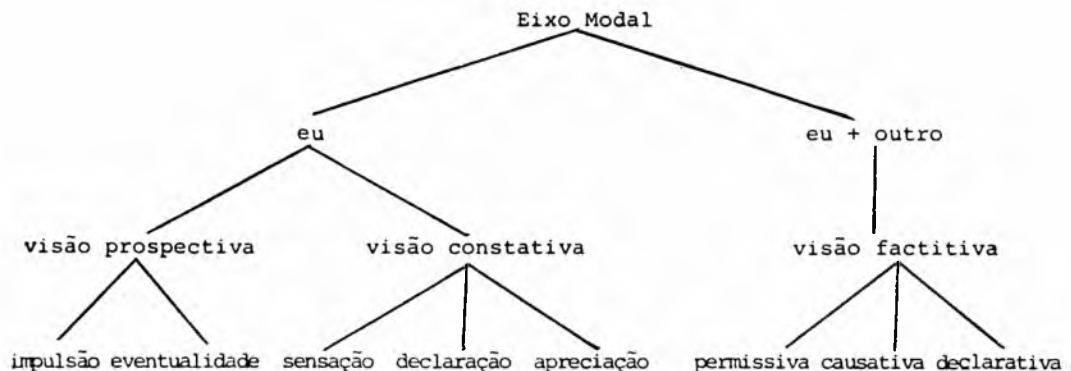


Figura 12

6. Os lingüistas apresentam diversas interpretações de modalidade, dependendo da perspectiva de abordagem, podendo ela ser ló-



gica, semântica, psicológica, sintática, pragmática e da teoria da enunciação. É necessário estudar a modalidade também sob o ponto de vista de outros lingüistas, ainda não mencionados neste estudo e que são apresentados por Meunier em “Modalités et Communication”, que passamos a resenhar.

Para *Galichet* a modalidade é uma categoria verbal, onde a apresentação do processo é feita como um fato puro e simples ou como uma coisa hipotética, desejável, querida e duvidosa. Exprime-se essencialmente pelo modo, que pode ser indicativo, condicional, subjuntivo e imperativo.

Segundo *Bonnard*, toda frase é pronunciada com o intuito de ensinar, de comunicar um sentimento ou uma vontade. A modalidade da frase designa uma atitude adotada pelo locutor quanto ao enfoque do fato enunciado. Para outros autores, as modalidades são as diversas nuances do sentimento ou do pensamento (possibilidade, desejo, protesto. ) que podem receber diferentes traduções na língua. O único inconveniente desse argumento é que ele leva a estabelecer um repertório, fatalmente incompleto de procedimentos estilísticos.

De acordo com *Brunot*, toda frase traz a marca das operações que emanam do locutor e que se dividem em operações de julgamento, de sentimento e de vontade. Elas modalizam ou modificam a rede de relações gramaticais. Estas constituem uma espécie de infraestrutura da língua. Os fatos são submetidos ao filtro da “subjetividade” e da tarefa do gramático. Essa tarefa consiste em inventariar os procedimentos lingüísticos que permitem a expressão de manifestações subjetivas ou psicológicas. Uma ação enunciada, contida em uma questão seja em um enunciado positivo ou negativo, apresenta-se com características bem diversas ao nosso julgamento, sentimento e vontade. Essas são, segundo *Brunot*, as modalidades da idéia, e ele as divide em três grandes conjuntos, a saber: julgamento, sentimento e vontade.

Segundo *Bally*, a enunciação é a comunicação de um pensamento representado, e a modalidade é a forma lingüística de um julgamento intelectual, de um julgamento afetivo ou de uma vontade que um sujeito pensante enuncia a respeito de uma percepção ou de uma representação do seu espírito. Por isso, em toda frase se deve distinguir dois elementos: *dictum* e *modus*.

O *dictum* é o enunciado, ou seja, o conteúdo representado (proposição primitiva, expressa pela relação sujeito-predicado)

O *modus* é uma operação que tem por objeto o *dictum*. Esse *modus* significa modalidade. Ex. (Figura 13):



a demonstração da formulação modal em que o sujeito do enunciado (*o cão*) não é idêntico ao da enunciação (*Eu*)

*Eu* acho que *o cão* é um animal inteligente.

↓ ↓                      ↓ ↓  
Sujeito da              Sujeito do  
enunciação            enunciado

Meunier trata desses mesmos problemas. Para ele, a gramática gerativa trata as modalidades de enunciação como sendo os constituintes abstratos das transformações que determinam a forma de superfície dos enunciados e sua interpretação semântica. Meunier arrola alguns grupos dos quais destacaremos dois:

O caso dos complementos adverbiais do tipo certamente, provavelmente, francamente. A interpretação semântica do mesmo advérbio incidirá em um verbo ou na frase toda, como nos exemplos seguintes:

Certamente ele fala.  
Ele fala certamente.  
Ele fala, certamente.

E o caso dos pronomes de 1ª e de 2ª pessoa, os quais Meunier acha importante chamar de *Eu* e *Tu*.

7 Em conclusão, lembramos que o nosso objetivo não foi o de criticar as teorias expostas, mas tão somente resenhá-las. Contudo, gostaríamos de fazer a seguinte observação:

Parece que os modelos dos diferentes autores não se contradizem, mas que se limitam a focalizar aspectos diferentes. A preocupação básica de todos é eminentemente descritiva e taxionômica. A própria resenha deixa entrever que a complexidade da matéria está a pedir novos e aprofundados estudos, principalmente os de caráter explanatório. Como se viu, se nenhum dos autores prescindiu das pesquisas realizadas anteriormente, todos deram contribuições valiosas para o conhecimento do assunto. A contribuição mais ampla foi, possivelmente, a de Pottier. Não ignoramos que o nosso trabalho teria ganho com o confronto desses textos com outros, tais como de McLuhan, e Greimas.

#### BIBLIOGRAFIA

- 1 — BARBOSA, Maria Aparecida — “Estrutura Sêmio-Táxica. Intra-Lexia. Alguns Taxemas Verbais.” in *Língua e Literatura* v. 4, São Paulo, USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1975.

- 2 — JAKOBSON, Roman — *Essais de Linguistique Générale* — trad. Paris, Editions de Minuit, 1963.
- 3 — MEUNIER, André — “Modalités et Communication”, in *Langages*, n° 37 p. 8-25.
- 4 — POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar Teodoro — *Estruturas Lingüísticas do Português*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.
- 5 — POTTIER, Bernard — *Linguistique Générale* — théorie et description-Paris, Ed. Klincksieck, 1974.